



FUTURO PROFISSIONAL

Desafios para além da pós-graduação

Recém-doutores enfrentam dificuldades para ingressar no mercado de trabalho

Está cada vez mais difícil para os jovens doutores se inserirem no mercado de trabalho acadêmico. Não bastasse a concorrência — somente em 2017, mais de 21 mil doutores se formaram no Brasil —, o atual cenário econômico afetou a oferta de vagas para professores e pesquisadores assistentes, e estágios de pós-doutorado, fundamentais para o aprimoramento de habilidades científicas e intelectuais, e aquisição da experiência necessária para estabelecer e gerenciar um laboratório ou grupo de pesquisa. A situação também não é favorável à docência no setor privado. “Muitas universidades particulares evitam a contratação de doutores acima do número mínimo exigido pelo Ministério da Educação para

diminuir os custos”, diz o biólogo Hugo Fernandes-Ferreira, professor do curso de biologia da Universidade Estadual do Ceará (Uece), em Fortaleza.

Enquanto isso, o número de doutores no país cresceu 486% entre 1996 e 2014, de acordo com dados do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). Essa perspectiva pouco animadora tende a aumentar a pressão sobre jovens pesquisadores. “O indivíduo passa anos se preparando para ser um pesquisador e, de repente, precisa procurar emprego no mercado de trabalho não acadêmico, colocando-se em uma situação na qual nem conseguiu uma oportunidade como professor ou pesquisador nem tem a experiência desejada pelo mercado

de trabalho tradicional”, diz a jornalista Deisy Feitosa, que se dedica a um pós-doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

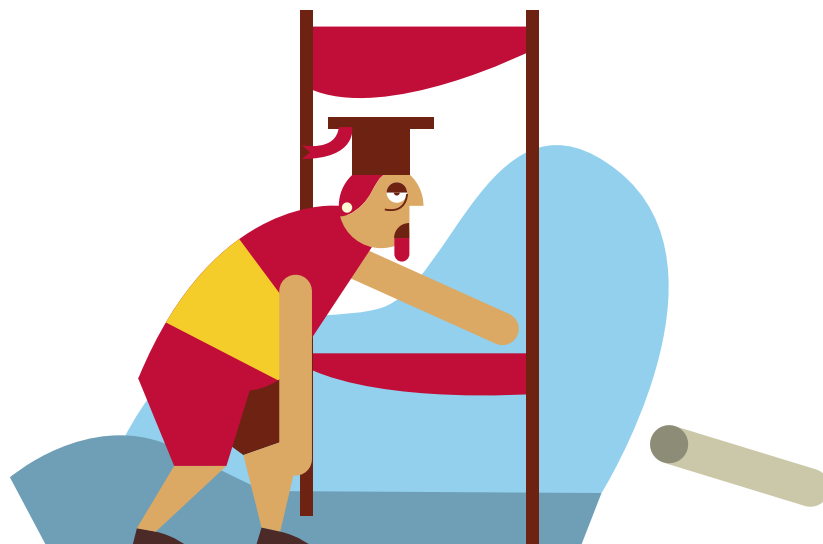
Para enfrentar essa realidade, estudantes têm sido encorajados a considerar a pós-graduação como um período voltado ao desenvolvimento de habilidades e competências que possam ser aplicadas a uma gama diversificada de atividades profissionais. A USP, por exemplo, começou este ano a estruturar mecanismos que auxiliem os estudantes da pós-graduação a desenvolver essas capacidades. “Estamos falando de habilidades voltadas, sobretudo, às questões de comportamento organizacional”, explica Tania

Casado, professora da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e diretora do Escritório de Desenvolvimento de Carreiras da universidade.

O imunologista Phillipp Kruger, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, publicou recentemente um artigo na revista *Nature* discutindo como os doutorandos podem se preparar para diferentes carreiras, dentro e fora da universidade. Uma de suas recomendações é que eles aproveitem o período do curso para investir no desenvolvimento das chamadas habilidades transferíveis, aquelas que não são consideradas técnicas e que podem ser empregadas em atividades diversas. Segundo ele, capacidade de liderança, de trabalhar em equipe e desenvoltura no gerenciamento do tempo podem fazer a diferença.

Kruger também sugere que os estudantes entrem em contato com os escritórios de carreiras das suas universidades para saber sobre possíveis formas de atuação no mercado de trabalho e como suas habilidades e preferências podem ser aprimoradas ou adaptadas a outras atividades. “É fundamental que os estudantes invistam, durante o curso, no desenvolvimento de suas habilidades em comunicação e resolução de conflitos, por exemplo”, comenta Tania.

Ela explica que os professores podem orientar os estudantes para que assistam aulas de outros cursos, como administração e psicologia, nos quais essas questões são mais discutidas. “Desde que ingressei na graduação na Unesp [Universidade Estadual Paulista], em 2008, tive apenas um seminário sobre perspectiva profissional para cientistas sociais”, comenta o sociólogo Alex Arbarotti. Ele concluiu o doutorado há três meses na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e tenta voltar à universidade. Conta que submeteu seu currículo a várias instituições privadas de ensino superior antes de terminar a pós-graduação, mas não recebeu resposta.



O número de doutores cresceu 486% entre 1996 e 2014 no Brasil, segundo dados do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

Diante da falta de perspectiva no mercado de trabalho, alguns doutores optam por voltar à universidade para fazer um estágio de pós-doutorado. Além da pesquisa, em geral, eles respondem pela coordenação de tarefas em laboratório, escrevem artigos científicos, auxiliam alunos e trabalham na concepção de novas linhas de investigação científica. Às vezes isso dá certo, como no caso de Fernandes-Ferreira. Ele ingressou no pós-doutorado em março de 2015, após concluir o doutorado no ano anterior. “Nesse intervalo trabalhei em uma consultoria ambiental, mas a crise estava no auge e esse mercado foi muito afetado. O pós-doutorado veio em boa hora”, diz.

A bióloga Patrícia Tachinardi não teve a mesma sorte. Ela concluiu o doutorado em fisiologia no Instituto de Biociências (IB) da USP em maio de 2017. “Sempre quis seguir a carreira acadêmica e decidi ingressar em um estágio de pós-doutorado”, diz, lamentando ainda não poder contar com uma bolsa de estudos. “Enquanto espero, recorri a outras atividades, como a de professora em uma escola privada e de produtora de conteúdo para livros didáticos.”

“A formação de novos doutores precisa ser conjugada a estratégias que auxiliem sua inserção no mercado de trabalho”, defende Deisy. Ela procurou fazer estágios dentro e fora da universidade durante toda sua vida acadêmica. “Fiz inclusive um mestrado profissional em televisão digital, com a esperança de que isso me abrisse portas na iniciativa privada”, conta. A estratégia deu certo. Depois do doutorado, Deisy foi convidada a colocar seu projeto em prática. “Trabalhei no desligamento do sinal analógico de TV no Brasil. Dois anos depois, fui fazer um pós-doutorado.” Para quem não sabe por onde começar, Deisy dá um conselho: “Investir em uma formação que integre a experiência acadêmica e o mercado de trabalho fora da universidade pode ser um diferencial em momentos de crise”. ■ Rodrigo de Oliveira Andrade

Refúgio no conhecimento

Vítima de perseguição religiosa, malinês transforma experiência pessoal em objeto de estudo em seu doutorado na USP

Moussa Diabate nasceu muçulmano, mas aos 16 anos converteu-se ao cristianismo, um problema no Mali, seu país, localizado na África Ocidental e então parcialmente ocupado pelo grupo fundamentalista islâmico Al Qaeda. A perseguição não o impediu de prosseguir seus estudos, embora os obstáculos tenham surgido ainda antes dela. Filho de pai de etnia malenké e de mãe de etnia tuaregue, quando criança Moussa foi instruído em assuntos sociais e religiosos pela avó e por um tio, seguindo a tradição nômade do deserto do Saara.

Para escapar da intolerância religiosa e continuar sua formação, Diabate precisou mudar três vezes de cidade. Em 1998, quando vivia em Kidal, passou no vestibular de psicopedagogia no Instituto de Formação de Mestres de Sevaré. Seis anos depois, aos 26, foi aprovado em concurso público para professor. Em seguida ingressou em ciências da educação na Faculdade de

Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade de Bamako, especializando-se em administração escolar.

Com a expansão do grupo extremista e o agravamento da perseguição religiosa, Diabate foi forçado a abandonar a carreira de pedagogo. Decidido a recomeçar a vida, desembarcou em São Paulo no início de 2012, como refugiado cristão. Com auxílio da organização Cáritas, aprendeu português. Mas queria voltar a lecionar e sonhava em cursar um doutorado. Quase desistiu. “Fui informado de que meu mestrado em psicopedagogia equivalia a uma especialização no Brasil e para entrar no doutorado eu teria de fazer outra pós-graduação.”

Diabate conta que várias vezes pensou em sair do Brasil. Mesmo assim iniciou o processo de revalidação do diploma em pedagogia e psicopedagogia na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Em 2013 ingressou no mestrado em educação, arte e história da cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Fez de sua história de vida tema de pesquisa ao analisar a convergência da língua materna, o tamasheq, com o francês, no processo de aprendizagem no Mali.

Foi durante o mestrado que conheceu outra instituição religiosa, a Missão Paz. “Ofereci-me para ensinar francês aos voluntários brasileiros que atendiam os novos refugiados”, relembra. Sua experiência serviu de estímulo para criar sua própria organização não governamental, a Bom Samaritano, que acolhe e auxilia refugiados com traduções, aulas de português, cursos de capacitação e alimentação. “Já atendemos mais de 700 pessoas de várias nacionalidades”, informa.

Aos 40 anos, e motivado por sua experiência no Brasil, Diabate está prestes a iniciar um doutorado em direitos humanos na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). “Pretendo pesquisar situações de vulnerabilidade e políticas de direitos humanos a partir do estudo de casos de refugiados malineses no Brasil e na França.” ■ R.O.A.

Diabate usa sua túnica azul típica dos povos nômades do deserto do Saara, no norte da África

